

## Casa de estudante: espaços habitados pelo corpo discente da Universidade Federal Fluminense

*Student house: spaces inhabited by the student body of Universidade Federal Fluminense*

**Joaci Pereira Furtado**

Doutor em História Social pela USP

**Augustin de Tugny**

Doutor em Artes pela UFMG. Professor da UFSB

**Resumo:** Para compreender o perfil dos universitários contemporâneos, marcados por transformações socioeconômicas e culturais radicais, é indispensável conhecer suas condições objetivas de existência – como renda, escolaridade dos pais, cor, acesso ao letramento. Com base nessa premissa, foram analisados dados coletados junto ao corpo discente da Universidade Federal Fluminense (UFF) durante o segundo semestre de 2020. Esta pesquisa abrangeu vários aspectos, mas neste artigo nos concentramos na análise estatística de dados relacionados à moradia e a temas relacionados (entendemos que a moradia tem a ver, por exemplo, com a materialidade dos estudos, ou seja, com as possibilidades de concentração para ler e escrever, por exemplo). Apontamos as relações entre o endereço e o perfil discente desta universidade pública federal. Constatamos que as moradias são inadequadas ou desfavoráveis à concentração para os estudos; que a leitura digital já está naturalizada entre os estudantes (tornando-se, portanto, ubíqua); que a biblioteca perdeu a centralidade na vida universitária inclusive como lugar de estudo; que a maior parte dos alunos não pratica esportes, colecionismo, artesanato e/ou música; que pouco mais de 70% não procuram o professor fora da sala de aula para esclarecer dúvidas ou aprofundar o conteúdo. E concluímos que é preciso compreender o significado desses dados para planejar uma universidade pública e gratuita adequada a essa nova realidade.

**Palavras-chave:** Moradia. Estudante. Universidade.

**Abstract:** To understand the profile of contemporary university students, marked by radical socioeconomic and cultural transformations, it is indispensable to know their objective conditions of existence – such as income, parents' schooling, color, access to literacy. Based on this premise, we analyzed data collected from the student body of Universidade Federal Fluminense during the second semester of 2020. The research covered several aspects, but in this article we focus on the statistical analysis of data related to housing and related themes (we understand that housing has to do, for example, with the materiality of studies, that is, with the possibilities of concentration to read and write, for example). And we point out relationships between the address and the student profile of this federal public university. We found that the addresses are inadequate or unfavorable to the concentration for the studies; that digital reading is already naturalized among students (thus becoming ubiquitous); whereas the library has lost its centrality in university life, including as a place of study; whereas most students do not practice sports, collecting, crafts and/or music; that just over 70% do not seek the teacher outside the classroom to clarify doubts or deepen the content. And we conclude that it is necessary to understand the meaning of this data to plan a public and free university appropriate to this new reality.

**Keywords:** Residence. Student. University.



## 1 Introdução<sup>1</sup>

Com a pandemia de covid-19, todo o sistema educacional do país foi posto em xeque, assim como no restante do mundo. As restrições sanitárias, adotadas no Brasil a partir de meados de março de 2020, forçaram todas as instituições de ensino a cerrarem as portas, enquanto buscavam soluções para prosseguir com suas atividades educativas. Na Universidade Federal Fluminense, um edital convidou seu corpo docente a apresentar projetos de pesquisa que, de algum modo, investigassem a situação da universidade diante desse quadro. Nós apresentamos um, com o objetivo de perscrutar o perfil socioeconômico e cultural do estudentado da graduação presencial desta universidade no contexto da pandemia de covid-19, mas numa perspectiva que a excedesse.

Interessava-nos, em especial, as práticas de letramento (leitura e seus suportes, frequência à rede de bibliotecas, distribuição do tempo para a leitura acadêmica e recreativa, obras preferidas ou mais lidas, tempo dedicado ao estudo extraclasse e o uso dos dispositivos eletrônicos) e de cultura (frequência a equipamentos culturais, colecionismo, atividades artesanais e/ou artísticas e práticas esportivas, uso recreativo de dispositivos eletrônicos). Essa iniciativa somou-se a outra, que em 2017 havia recolhido dados a respeito desses mesmos aspectos, variando apenas em detalhes no instrumento de coleta: um formulário eletrônico contendo 93 perguntas ou listas de opções, todas objetivas, sobre os mais diversos aspectos da vida do/da estudante, naquilo que poderia interessar à UFF no planejamento de suas ações no delongado período de distanciamento físico determinado pelas autoridades sanitárias.

Além do planejamento imediato, entretanto, acreditamos que nossa pesquisa poderia contribuir para uma percepção mais precisa e complexa do estudentado “uffiano”, combatendo preconceitos ou parcialidades que empobrecem o entendimento de uma instituição

---

<sup>1</sup> Versão ampliada de texto homônimo apresentado oralmente no seminário temático [“Assuntos estudantis na educação superior: um subcampo emergente na Sociologia da Educação”](#), durante o 46º Encontro Anual da ANPOCS, no dia 18 de outubro de 2022, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

extremamente complexa e de dimensões monumentais – e cuja relevância para o país é traduzida em números impressionantes, como aqueles da produção acadêmica e dos serviços prestados por essa que foi a universidade pública federal que mais cresceu, no século XXI.

Para estimular os/as alunos(as) a preencherem o formulário anônimo, recorreremos, por meio de dois bolsistas do projeto – Jhonathan Soares de Souza Santos e Luiz Cláudio Barros Raposo –, a campanhas em comunidades específicas no Facebook e a e-mails às coordenações de curso – que, por sua vez, remeteram o convite aos seus respectivos corpos discentes. Este último expediente foi decisivo para que alcançássemos margens estatisticamente seguras para a amostra que pretendíamos recolher. Assim, de 27 de agosto a 30 de novembro de 2020, 1.694 dos/das 40.599 estudantes matriculados(as) no ensino presencial da UFF preencheram o formulário eletrônico disponibilizado via Google Forms. Desse contingente, 1.061 cursavam graduação na área de Humanas (o que inclui artes e ciências sociais aplicadas), 454 estudavam na de Exatas (abrangendo também as chamadas “ciências da terra”) e 179 eram das Biológicas (englobando as ciências da saúde). A amostra atingiu 55,73% dos 76 cursos de graduação presencial oferecidos pela Universidade Federal Fluminense.

Em termos estatísticos, esses números significam 95% de confiabilidade da enquete, 2,33% de margem de erro e 4,17% do total de alunos(as) matriculados(as) na graduação presencial no primeiro semestre letivo de 2020 (que se efetivou, remotamente, no segundo semestre do calendário, conforme as deliberações da UFF). Além disso, os dados de 2020 podem ser comparados com os de 2017, igualmente disponíveis e parcialmente já divulgados. É no cruzamento potencialmente infinito desses dados, tanto das duas pesquisas quanto no interior de cada uma delas, que se chegará às percepções complexas e profundas a que nos referimos acima.

Em outros termos, cruzando as respostas às várias perguntas, é possível precisar certos aspectos do perfil do estudante e da vida universitária do corpo discente da Universidade Federal Fluminense, talvez contribuindo para o delineamento do impacto da universidade

pública na sociedade brasileira muito além dos números estritamente socioeconômicos. Acreditamos que nossas amostras – a de 2017 e a de 2020 – contenham revelações que somente a relação entre dados e a análise dela por especialistas possam trazer à luz.

## 2 Outra universidade: mudanças numa instituição aparentemente imutável

Em *Outra universidade*, Pedro Demo escreve que “tratar bem” os/as alunos/as “têm nome próprio na universidade: *fazer deles produtores autores de conhecimento*, e nesse processo *oferecer oportunidades elevadas de formação*” (Demo, 2011, p. 67, destaques no original). Para que haja “oportunidades elevadas de formação” o autor entende ser necessária “outra configuração da universidade, para que atenda adequadamente aos dois desafios maiores: *pesquisar e educar*” (Demo, 2011, p. 66, destaque no original). Segundo ele, ensino e pesquisa não se divorciam, “porque ensino sem pesquisa é plágio e ninguém se prepara para a vida plagiando” (Demo, 2011, p. 66). A aula, portanto, não deveria ser ambiente controlado de reprodução de verdades prontas, naquilo que Demo chama de “instrucionismo” (Demo, 2011, p. 15), mas espaço onde os/as estudantes comparecem, “física ou virtualmente, para produzir conhecimento, exercitando autoria, não para absorver sucata” (Demo, 2011, p. 17). Está aí, conforme esse sociólogo, o viés verdadeiramente político da formação acadêmica, quando a conquista da linguagem científica se funde com a da própria cidadania:

[...] quando o aluno aprende método científico, conduz projeto de pesquisa, exercita leitura crítica, fundamenta tudo que propõe, desconstrói e reconstrói teorias para tornar-se autor, escuta com atenção argumentos alheios e muda de visão, se for o caso, não está apenas fazendo ciência; está igualmente forjando sua cidadania, à medida que burila a cidadania que sabe pensar. Deixa de lado o argumento de autoridade (não é a rigor argumento) para assumir a autoridade do argumento. Enquanto o primeiro é deseducativo, o segundo é educativo, porque proporciona a oportunidade de construir o tipo de autonomia e autoria que convive com outras autonomias e autorias. A disputa por argumentos bem fundados e nunca superficialmente fundados pode ser igualitária porque é capaz de convencer sem vencer, usando como estratégia a força sem força do melhor argumento. (Demo, 2011, p. 19)

Não é, contudo, o que acontece. A recente expansão das universidades públicas brasileiras – com as exceções de praxe – representaram apenas a multiplicação de um modelo falido: as “novas” universidades federais criadas no Governo Lula representam iniciativa importante [...], mas, como regra, organizadas por ex-reitores de federais, replicando nelas as mesmas precariedades” (Demo, 2011, p. 23). E estas serão superadas, escreve Demo, quando entendermos que “universidade nova só é nova se abrigar professores novos” (Demo, 2011, p. 21), isto é, afeitos/as à “própria dinâmica disruptiva e rebelde do conhecimento formalmente bem feito” (Demo, 2011, p. 20).

Ora, se as proposições de Pedro Demo procedem, é preciso, então, conhecer o/a novo/a protagonista que essa nova universidade reivindicaria: o/a estudante. A não ser que se imagine uma instituição de ensino sem alunos/as, a contrapartida da formação de um/a novo/a professor/a certamente é a compreensão do novo/a estudante – que não é mera tábula rasa formatada pela academia. Se é certo, pois, que o “mesmo professor faz a mesma universidade” (Demo, 2011, p. 23), também há de ser correto que, se ele/ela a quer diferente, um dos passos talvez indispensáveis seja saber mais de seu estudantado, conhecendo-o objetivamente em sua subjetividade, bem além dos dados socioeconômicos que indicam, por exemplo, a renda.

Ainda que, num país com as características que tem, marcadores como gênero e raça sejam dramaticamente decisivos, é oportuno levar em conta outros componentes que as complexificam, subsidiando o pensamento sobre as transformações radicais que uma universidade radicalmente nova exigiria. Tão urgente quanto “modificar o conceito e a prática do professor” (Demo, 2011, p. 21) é reconhecer seu/sua aluno/a além das intuições, dos preconceitos ou da objetivação estatística neutralizante que acabam por reforçar a paralisia – ou o conservadorismo – institucional que o mesmo Demo denuncia na universidade: “seu negócio não é mudar, mas controlar a mudança”, pois “‘donos’ da mudança fazem de tudo para não mudar” (Demo, 2011, p. 89; ver também p. 90-91).

Quais as condições materiais, objetivas, dessa subjetividade habitante instada a protagonizar o conhecimento na universidade, tal como propõe Demo ao descrever o “nome próprio” pelo qual atende o bom trato que se deve ao/à estudante? Que podemos esperar, a partir da materialidade de suas habitações e dos estilos de vida que ela condiciona e/ou traduz? O que ela sugere, em termos das necessidades de adaptação que o corpo discente demanda da universidade? O que ela nos fala de sua cultura, entendida em sua dimensão sociológica e antropológica? Que relação pode haver entre o ensino universitário e o habitar do seu alunado? Foram essas as questões que nos trouxeram ao presente artigo, centrando nossa análise em aspectos da habitação – cômodos da casa, lugares onde se estuda, espaços de lazer, equipamentos eletrônicos e domésticos –, refletindo sobre o que isso implica na subjetividade da vida estudantil na Universidade Federal Fluminense.

Nosso interesse por ela vem desde 2017, quando promovemos, naquela universidade, uma investigação sobre práticas culturais de seu estudantado em meio à sua configuração socioeconômica. Com Michèle Petit, entendíamos – e continuemos a entender – que “A leitura não é uma atividade isolada: ela encontra – ou deixa de encontrar – o seu lugar em um conjunto de atividades dotadas de sentido” (Petit, 2013, p. 104). Portanto, não bastava perguntar pelos livros lidos ou pela assiduidade à biblioteca. Era preciso entender como a leitura se inseria ou se insere no universo cultural desses/as discentes hoje majoritariamente nascidos/as entre fins dos anos 1990 e o início do corrente século, formados/as na “era da informação” e na sociedade de mercado onde impera a obsolescência programada (Crary, 2014, p. 46), a captura da libido pelo *ethos* neoliberal – aquele “da maximização de utilidade comandada por um sistema de preferências individuais estáveis e bem-comportadas” (Safatle *et al.*, 2020, p. 82; ver também Dardot; Laval, 2016) –, a disseminação permanente e ampliada de aparatos tecnológicos cada vez mais rápidos e sofisticados que tornam “mais fáceis a perpetuação do mesmo exercício banal de consumo ininterrupto, isolamento social e impotência política” (Crary, 2014, p. 49) e a rápida perda da “capacidade

de ‘ser’ um corpo, ou seja, a capacidade de deixar o corpo ser uma condição ampliadora da nossa existência” (Gumbrecht, 2015, p. 127).

Se nos interessava, em especial, as práticas de letramento (leitura e seus suportes, frequência à rede de bibliotecas da Universidade Federal Fluminense, distribuição do tempo para a leitura acadêmica e recreativa, obras preferidas ou mais lidas e o tempo dedicado ao estudo extraclasse), procurávamos, com igual atenção, mapear as práticas culturais em sua acepção mais ampla possível (frequência a equipamentos culturais – o que incluía bares, lanchonetes e restaurantes –, colecionismo, atividades físicas, esportivas, artesanais e/ou artísticas, religiosidade, identidade de gênero, orientação sexual e uso recreativo de dispositivos eletrônicos, entre outros). Parte dos resultados do primeiro levantamento foi publicada em três artigos (Furtado; Gonçalves; Monteiro, 2018; Furtado; Gonçalves; Monteiro, 2019; Igreja; Furtado, 2020). As considerações aqui remetem ao conjunto de entrevistados/as na edição de 2020, já que a discriminação por área ou por graduação, na maioria dos casos, foi prejudicada pela baixa representatividade setorial. Mas é possível estabelecer recortes e relações como, por exemplo, os de gênero, orientação sexual, raça/cor, renda, prática religiosa e escolaridade de mães e pais, haurindo conclusões que indicam características ou tendências gerais desse corpo em eterna transformação.

Antes de passarmos aos dados e análises, entretanto, cabe registrar que o presente artigo não pretende exaurir o assunto e muito menos cotejar nossos achados com outros tantos trabalhos monográficos e multifacetados que abordam a moradia estudantil universitária brasileira – objeto, entretanto, ainda pouco estudado pela própria universidade, pelo menos até 2009, conforme o balanço publicado em 2013 no artigo “A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional”, de Edleusa Nery Garrido e Elizabeth Nogueira Gomes da Silva Mercuri (Garrido; Mercuri, 2013). Ainda assim, segundo as autoras, “moradia estudantil” é compreendida como as habitações ou “repúblicas” subsidiadas para alunos/as pela instituição pública de ensino – e não como a casa onde o/a estudante mora, independentemente de

sua modalidade. Como veremos, nosso levantamento revelou que a grande maioria do estudantado “uffiano” mora com os pais.

### **3 Diversidade universitária: habitares estudantis**

Longe de nos permitir estabelecer um retrato modelo do/a estudante da Universidade Federal Fluminense, o conjunto de dados levantados pela pesquisa nos anuncia uma grande diversidade de situações sociais, econômicas, de relações com o mundo, de modos e possibilidades de morar, estudar, se divertir, se cultivar, se relacionar e aprofundar seus conhecimentos, de se estabelecer, enfim, na vida estudantil. Nem nos daremos a liberdade de esboçar figuras ou tipos dentro dessa diversidade porque rapidamente se revelariam como caricaturais. A dimensão difusa dos dados recolhidos não pode, de imediato, atribuir certos traços a tal ou qual sujeito que consideraríamos emblemático de um grupo. O conjunto estudantil que respondeu à enquete, equilibrado entre os diversos períodos que constituem seu curso formativo de bacharelado ou licenciatura, se encontram nessa tarefa importante no curso de sua vida que Alain Coulon (2017) denomina de “ofício de estudante”. Esse ofício se estabelece através de uma série de rupturas com o curso da vida no ensino médio:

- rupturas nas condições de existência, que geram, frequentemente, inquietações e condutas que levam ao fracasso;
- rupturas na vida afetiva, com a passagem a uma vida mais autônoma em relação à família;
- em particular, uma ruptura relativa às regras de apropriação do saber.

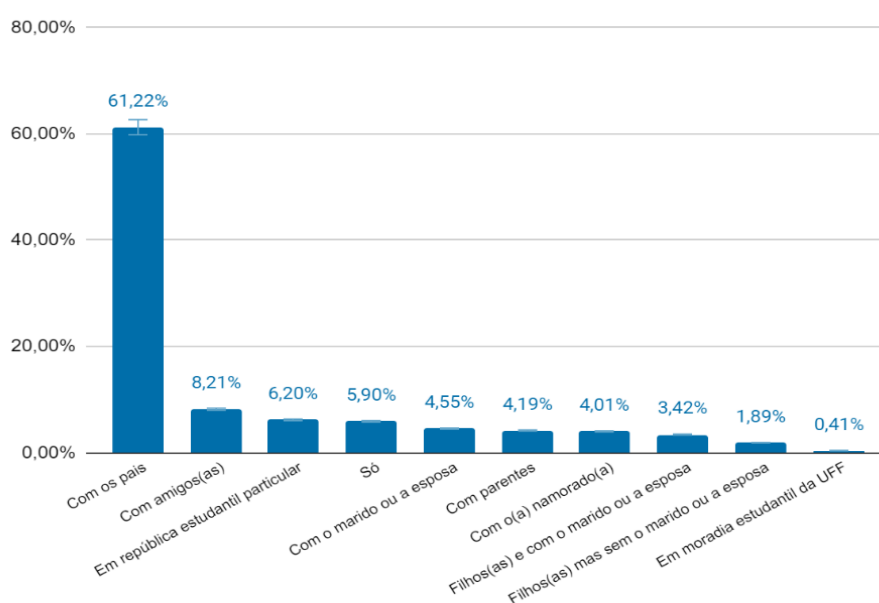
Mas se há rupturas, há também continuidades que formulam contradições difíceis de serem conciliadas. Devemos, antes de tudo, constatar que essa enquete foi lançada em tempos de pandemia de covid-19, de isolamento social, quando muitos estudantes foram levados a regressar para o lar familiar, quando contavam com essa possibilidade. Essas condições excepcionais de isolamento social, restringindo o convívio dos estudantes à célula familiar, configuraram uma ruptura



suplementar nessa fase de aprendizagem de outra vida que se iniciava em seu ciclo de estudos universitários. Assim, no gráfico 1, podemos observar que a grande maioria dos/as estudantes ainda mora com seus pais (61,22%) e, no gráfico 2, ¼ dos estudantes reside também com pessoas maiores de 60 anos – que, em muitos casos, provavelmente são seus avós.

### Gráfico 1. Modalidade de compartilhamento do domicílio

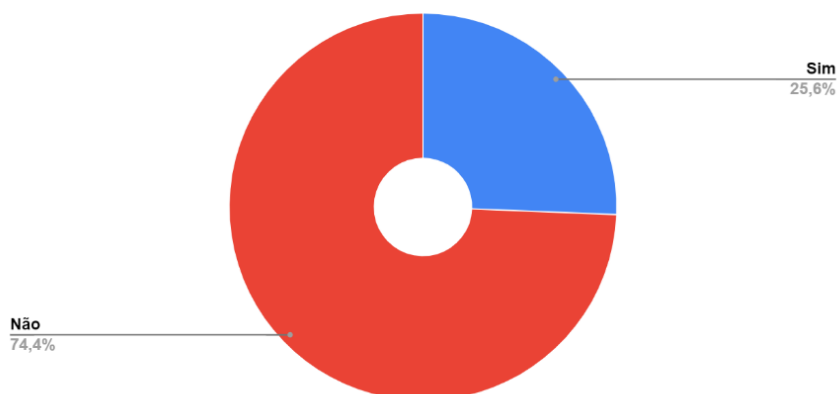
Total de respostas: 1.694



Fonte: Os autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

### Gráfico 2. No domicílio reside alguém com 60 anos ou mais?

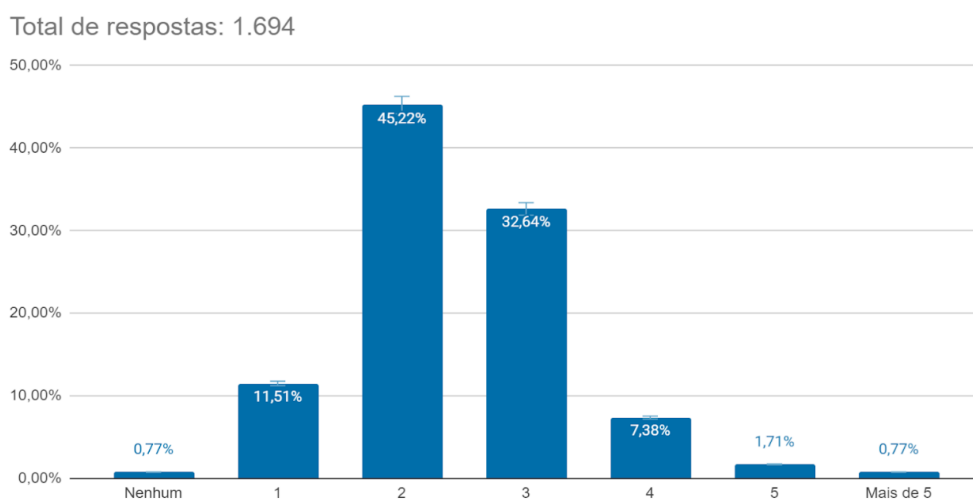
Total de respostas: 1.694



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

O que aparentemente pode estabelecer uma situação de continuidade confortável da vida afetiva e das condições de existência – isso há de ser relativizado em função de outros parâmetros que se contrapõem a um possível conforto –, de fato, não propicia a autonomia necessária ao pleno ofício dos estudos universitários, à formulação de uma independência intelectual. Outros dados se agregam para relativizar essa condição de conforto, como o número de dormitórios que comportam as moradias: 77,78% delas têm dois ou três quartos. O que nos deixa a pensar que muitos desses agrupamentos familiares não são confortáveis, considerando as famílias que devem se sustentar com uma renda inferior a dois salários-mínimos (30,93%) divididos entre três ou quatro dependentes (58,38%). Sem ter a certeza de que todos/as se enquadram nessa situação, podemos entender que deve ser o caso de muitos desses agrupamentos familiares: renda baixa sustentando quatro pessoas com a presença de idosos em casas de dois ou três dormitórios (Gráfico 3).

**Gráfico 3. Número de dormitórios no domicílio**



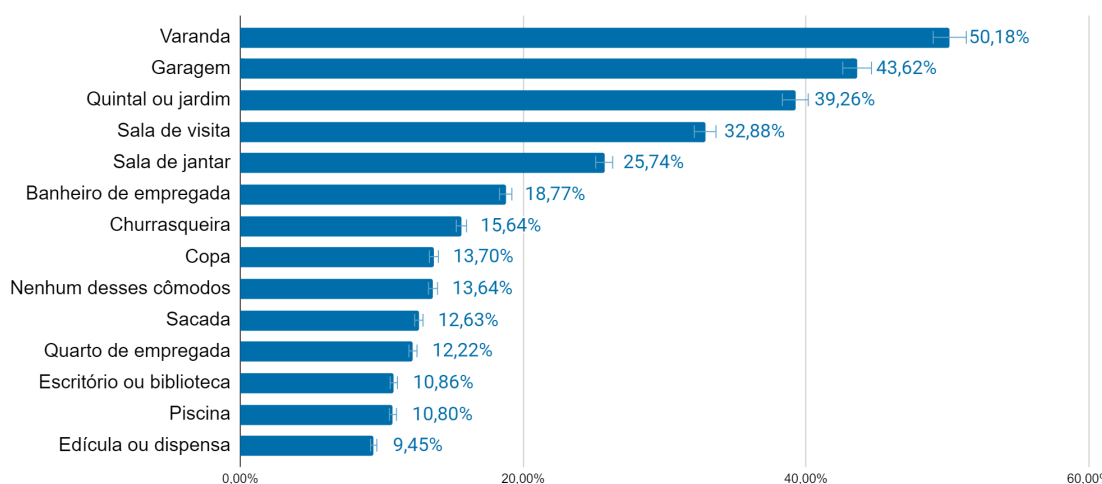
Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Ao analisar a tipologia das casas onde moram os/as estudantes, que aparece através da descrição das salas e cômodos que elas comportam, fomos alertados pelo fato de que a metade delas (50,18%) dispõe de uma varanda, 43,62% de uma garagem e 39,62% de um quintal ou jardim

(gráfico 4). Essas indicações nos permitem supor que se trata de casas independentes – e não de apartamentos. Estes podem aparecer nos 10,68% de respostas que assinalam a disponibilidade de uma sacada, mas a proporção de residências desse tipo pode ser superior, embora muitos apartamentos populares não disponham desse espaço. Importa observar a quantidade de respostas (13,64%) que declaram não dispor, em suas moradias, de varanda, garagem, quintal ou jardim, nem de sacada, churrasqueira, sala de jantar ou de visita, copa, quarto e banheiro de empregada – e ainda menos de biblioteca ou escritório, edícula, despensa ou piscina. Trata-se aqui de proporção não desprezável de moradias simples, desprovidas dos elementos de conforto que sustentam a qualidade de vida da classe média brasileira entre perpetuação de costumes antigos, possibilidades de convívios, celebrações e apropriação dos equipamentos da modernidade.

**Gráfico 4. Tipologia dos cômodos do domicílio**

Total de respostas: 1.694

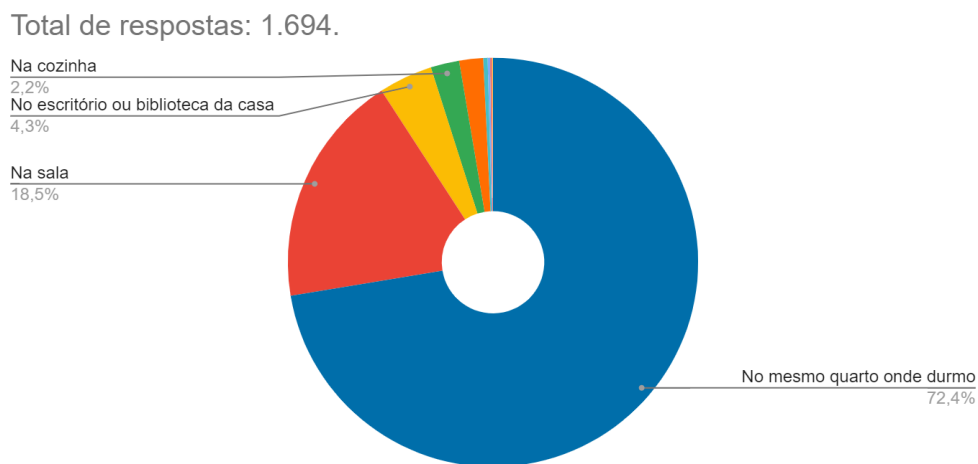


Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Essas condições de moradia nos fazem entender melhor as respostas à pergunta sobre o espaço da casa onde se estuda. Para uma ampla maioria dos/as estudantes (72,4%), o quarto de dormir é também o lugar do estudo em casa (gráfico 5). Mesmo sabendo que 44,3% dos/as estudantes compartilham o quarto com outra pessoa, ainda é o lugar que

lhes parece garantir mais privacidade e tranquilidade, mais propício à reflexão. Excluindo os 4,5% que podem estudar no escritório ou na biblioteca domiciliar – condição excepcional de conforto –, temos contingente expressivo de estudantes que usam a sala da casa (18,5%) ou até mesmo a cozinha (2,2%) para estudar. Isso nos permite supor condições muito mais precárias de estudo nesses cômodos, pouco suscetíveis de proporcionar a concentração necessária para a reflexão em casas compartilhadas com mais duas ou três pessoas.

**Gráfico 5. Cômodo onde o/a aluno/a estuda**



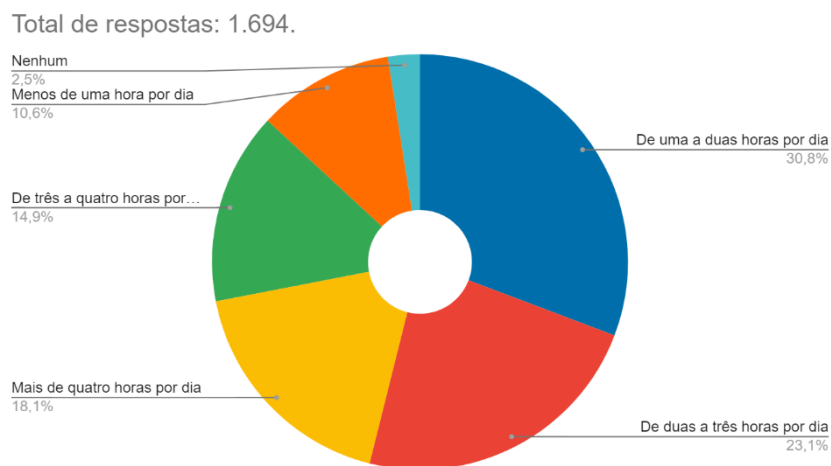
Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Colocar em perspectiva o tempo diário dedicado aos estudos com essas condições de moradia nos permite entender esse número alarmante de 43,9% de estudantes que consagram menos de duas horas diárias a seus estudos extraclasse, sendo que 2,5% deles/delas não estudam fora das aulas (Gráfico 6).

O que pode compensar essa carência de estudos pessoais é a prática, ao que parece bastante disseminada, de estudos espontâneos em grupo (57%) – mas, a partir do presente levantamento, não há como saber onde, com que frequência e em que condições se desenvolvem tais práticas (gráfico 7). Antes da pandemia, esses grupos de estudo, assim como os estudos pessoais, podiam acontecer nas bibliotecas do campus – no entanto, parcamente frequentadas, sendo que 28,7% dos estudantes dizem não ir às bibliotecas e 36,8% apenas assinalam frequentá-las “de

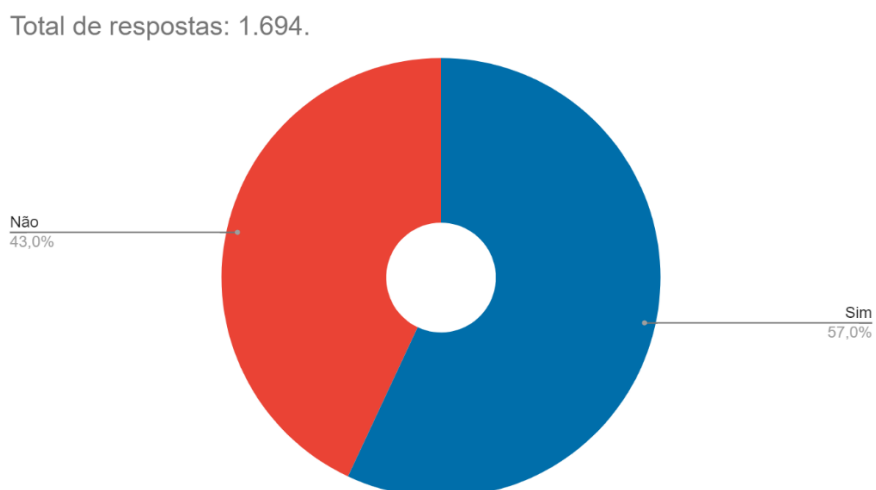
vez em quando”. Mas o grupo de frequentadores/as assíduos/as, de uma vez a mais de três vezes por semana, consta como 25,7% dos/as estudantes (gráfico 8).

### Gráfico 6. Tempo diário reservado aos estudos extraclasse



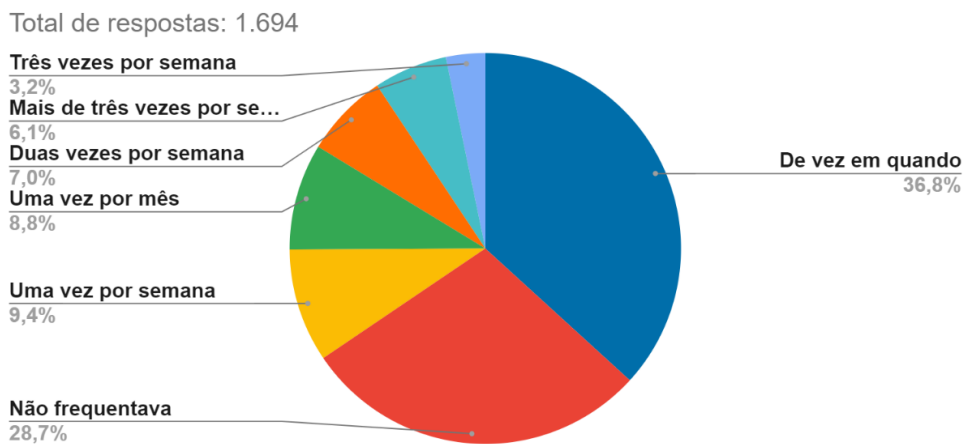
Fonte: pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

### Gráfico 7. O/a aluno/a estuda espontânea e regularmente em grupo?



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

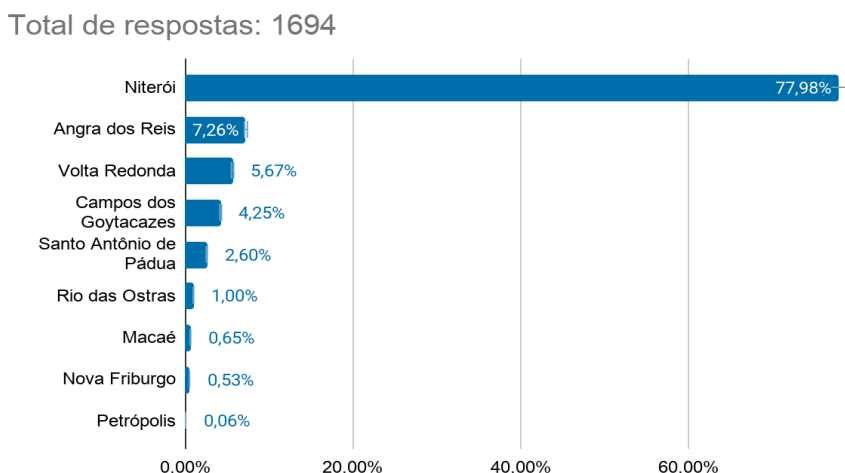
### Gráfico 8: Frequência às unidades da rede de bibliotecas da UFF antes da pandemia



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

As casas com varanda e/ou quintal ou jardim correspondem a tipos de moradias que não condizem com as áreas centrais das regiões metropolitanas, mas muito mais presentes nas periferias – sejam elas populares ou de classe alta. Sabendo da localização urbana e central do principal campus da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, isso indica distância considerável entre moradia e lugar de estudo ou aula, demandando tempo de deslocamento, de entrega a uma demora no transporte ou ao trânsito sempre lento, que estabelece uma ruptura no ritmo do dia. No próximo gráfico (9), aliás, verificamos que a imensa maioria dos/as respondentes estuda nesse campus.

### Gráfico 9. Distribuição dos/as entrevistados/as por campus

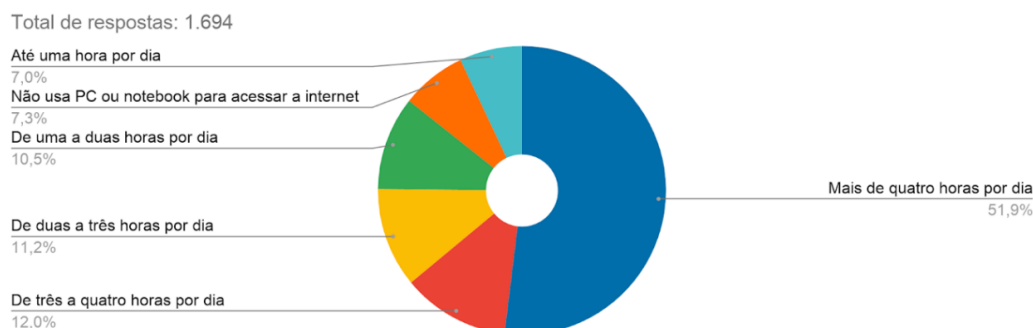


Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo

Pode ser que essa distância seja o resultado dos agrupamentos familiares, devido ao período de distanciamento social, que tem também por consequência a impossibilidade de se deslocar pela cidade. De qualquer maneira, o que compensa essa distância é o uso amplo das redes sociais, que pode romper com o isolamento dos/as estudantes em suas moradias: mais da metade dos/as alunos/as (51,9%) acessa a internet usando um computador mais de quatro horas por dia, em média (gráfico 10), e a proporção de estudantes que a acessam diariamente por mais de duas horas se eleva a 75,1%. O uso do computador – que seja notebook ou desktop – configura uma situação fixa, diferente do uso do celular, o que nos permite entender esse tempo como um período diário sedentário, em casa.

Quando associamos esse tempo diário com a proporção de 34,5% dos estudantes que dizem se informar pelas redes sociais (gráfico 11), podemos supor que grande parte desse tempo serve para romper com o isolamento social em conexão virtual com conhecidos ou mesmo anônimos, sabendo que quase todos/as (98,2%) estão inscritos/as em uma ou mais redes sociais, principalmente as plataformas WhatsApp (96,1%), Instagram (90,79%) e Facebook (89,73%), cujos modos de comunicação diferem, mas permitem contatos virtuais amplos, rompendo os limites das paredes das moradias.

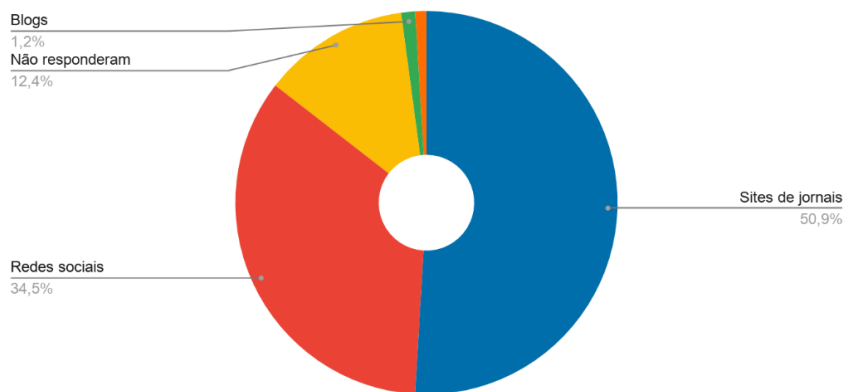
### Gráfico 10. Média diária de acesso à internet por PC ou notebook



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

### Gráfico 11. Fontes de informação pela internet

Total de respostas: 1.484.



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

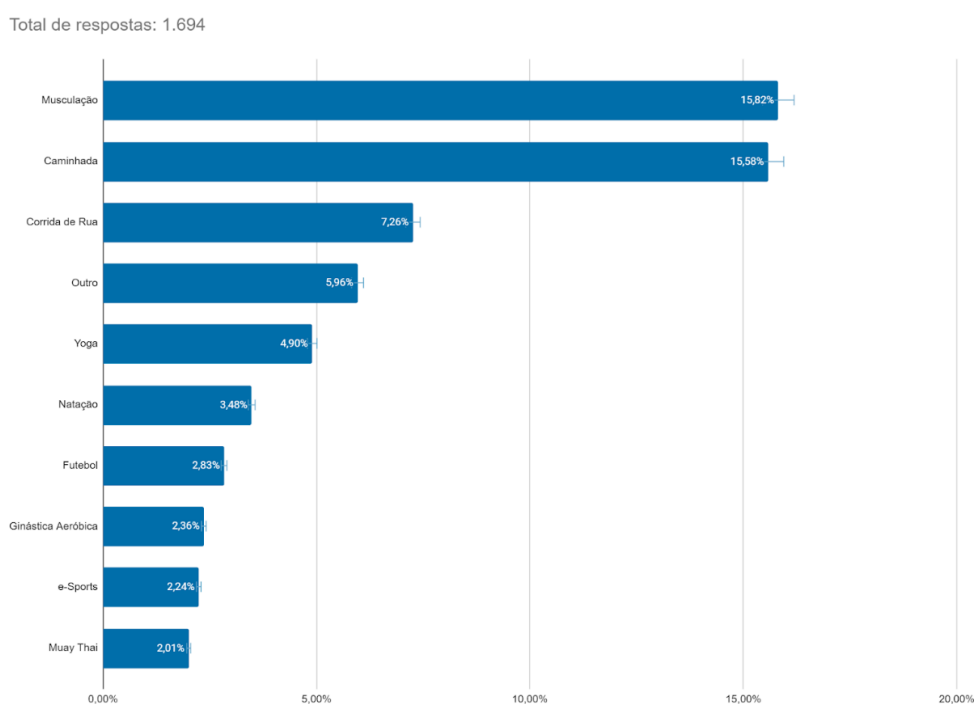
Outro modo de romper com a clausura doméstica é a televisão que, mesmo nunca sendo assistida por 38,9% dos/as estudantes, é vista durante mais de uma hora cotidiana por 33,4% deles/as, enquanto 2,7% dizem acompanhar a programação televisiva por mais de quatro horas diárias. Esses números impressionantes de escapatória virtual no sedentarismo podem ser aproximados de outras atividades que também revelam as ambiguidades de atitudes entre socialização e clausura. Se 57,8% dos/as alunos/as dizem não praticar nenhuma atividade física, as práticas esportivas mais recorrentes são exercícios corporais geralmente individuais, sem interação necessária com outros/as praticantes (gráfico 12). É o caso da musculação, que tem 15,82% de adeptos/as, seguida pela caminhada (15,58%) e a corrida de rua (7,26%) – três atividades que podem ser solitárias, blindadas pelos fones de ouvido.

O futebol, atividade tradicional e socialmente compartilhada no Brasil, aparece por sua vez com somente 2,38% de adeptos/as. Esse dado, porém, deve ser relativizado pelo fato de não ser uma atividade cotidiana, mas em geral praticada nos fins de semana e por ser predominantemente masculina, enquanto a maior proporção da população estudantil da UFF é feminina (69,2%). Interessante colocar em



perspectiva a prática do futebol com a da ginástica aeróbica e dos *e-sports*, com proporções quase equivalentes, mas que correspondem a formas tão diferentes de exercitar-se e de construir relações sociais. Os *e-sports* caracterizam-se mais pela interação virtual proporcionada pela internet que com atividades sociais que possibilitam encontros reais, corpo a corpo, na constituição de comunidades físicas e na troca presencial – portanto, sem o filtro da virtualidade – de experiências vividas de forma comunitária.

### Gráfico 12. Os dez esportes ou atividades físicas mais frequentes



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

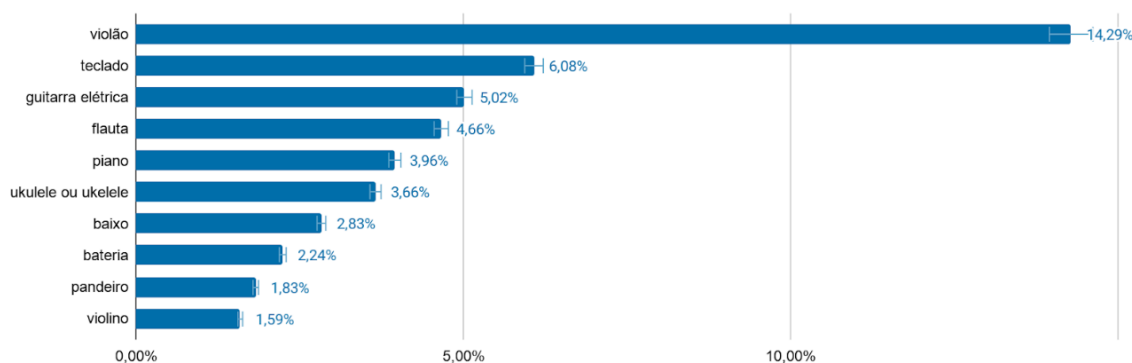
Outras práticas culturais constituem possibilidades de existência, florescimento de interesses pessoais que denotam independência e linhas de emancipação ou existência assumida. Nessa pesquisa, elas estão evidenciadas pela música, pelo colecionismo, pelas atividades artesanais ou artísticas e pela leitura.

Os/As músicos/musicistas não são muito numerosos/as, proporcionalmente, com apenas 27,6% das/os estudantes (gráfico 13) dizendo tocar um instrumento, com predileção pelo violão (14,29%) –

ancorado na tradição da Música Popular Brasileira e com muito mais instrumentistas que os teclados, a guitarra, o baixo, a bateria e o pandeiro, que pertencem à mesma tradição, ou a flauta (resquício da iniciação musical no ensino primário?), o piano ou o violino, oriundos da tradição erudita. Vale ressaltar a introdução do exótico *ukulele* ou *ukelele* nesse leque de instrumentos tocados por esses/as universitários/as que são também musicistas amadores/as.

### Gráfico 13. Instrumentos musicais mais tocados pelos/as estudantes

Total de respostas: 469

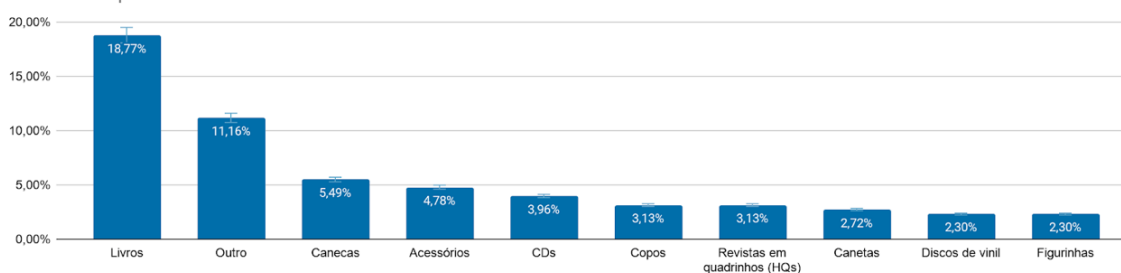


Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Nas respostas podemos constatar que somente pouco mais de um terço dos/as estudantes (37,54%) coleciona itens variados, privilegiando os livros (18,77%) a objetos heteróclitos (gráfico 14) como canecas, copos, acessórios, figurinhas, CDs e revistas em quadrinhos – todos correspondendo a circuitos de colecionadores e bolsas de troca sustentados pela indústria do entretenimento.

### Gráfico 14. Coleções mais citadas

Total de respostas: 1.694



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

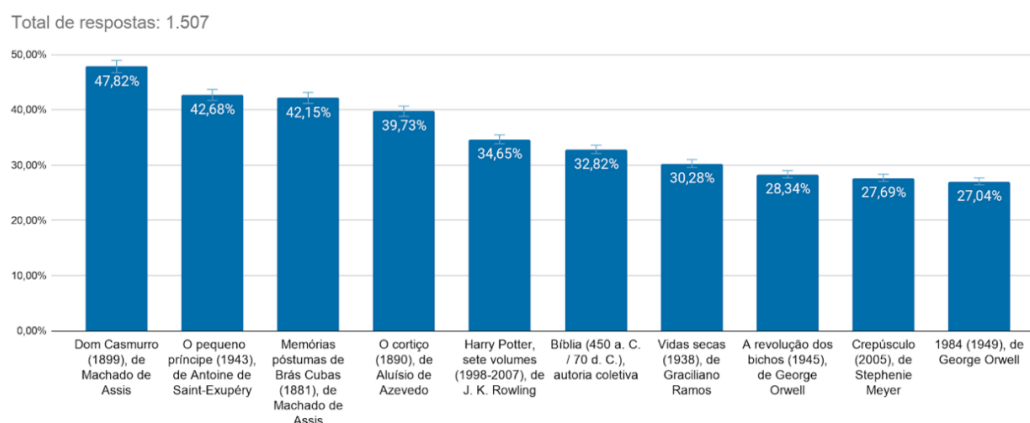
Quando somente 26,2% dos/as estudantes têm uma produção artística, artesanal ou material própria, 89,9% deles/as cozinham, mesmo que seja somente de vez em quando (30,34%). No entanto, 47% dizem cozinhar mais de três vezes por semana, o que pode denotar a necessidade de participar das tarefas domésticas e não atividade criativa ou de lazer.

Restam as práticas de leitura como reduto da formação intelectual que tem “seu lugar em um conjunto de atividades dotadas de sentido”, para retomarmos Michèle Petit (2013, p. 104), e que, portanto, é indissociável dos espaços habitados (lembremos, por exemplo, o número e a função dos cômodos levantados pela pesquisa). Podemos constatar que, quando se trata de leitura recreativa – isto é, que não pertence às bibliografias das disciplinas de seus cursos –, os/as estudantes da UFF preferem livros físicos (42,7% deles/as dizem ter lido “no papel” as bibliografias curriculares, durante o último semestre); 65,4% deles/as, no último mês, privilegiaram livros impressos escolhidos pelo prazer de ler. Parece que, quando se trata da leitura “obrigatória”, no contexto dos estudos, prefere-se o computador ou mesmo o celular, enquanto para a leitura por escolha, por distração, por curiosidade intelectual ou simples prazer, os/as estudantes priorizam a materialidade do livro.

Assim, a pesquisa quis investigar o repertório de leitura do estudentado da UFF. Para isso, apresentou listas fechadas com dezenas de obras, pedindo que o/a aluno/a assinalasse a(s) que havia lido – mas sem precisar quando e como essa leitura se deu (não perguntamos, por exemplo, se a obra foi lida integralmente). Portanto, deve-se levar em conta da escola, onde certas obras são incontornáveis, como podemos suspeitar pelas respostas. Assim, é evidente a primazia da literatura brasileira, com grandes clássicos (gráfico 15), com os primeiros lugares conferidos ao romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, com 47,82% de leitores, e às *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do mesmo autor, com 42,15%. Bastante próximo do primeiro lugar, *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry (42,68%), assinala ao mesmo tempo o sucesso internacional desse conto filosófico e um item fora da obrigatoriedade escolar – ainda que possa ter chegado ao/à leitor/a por meio da escola. O

título mais recente nessa lista é *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer, publicado em 2005, e que tem 27,69% de leitores/as. Mas a saga *Harry Potter*, de J. K. Rowling, em sete volumes publicados de 1998 a 2007, e que acompanhou a adolescência dos/as estudantes, vem antes em suas experiências de leitura, com 34,65% das menções. Entre os títulos mais lidos, a *Bíblia* tem 32,38% de leitores/as, o que corresponde quase à proporção de estudantes “uffianos” autodeclarados/as cristãos/ãs (evangélicos/as, protestantes e católicos/as), que constituem 29,57% do contingente estudantil da UFF.

### Gráfico 15. Os dez livros de literatura mais assinalados (lista fechada)

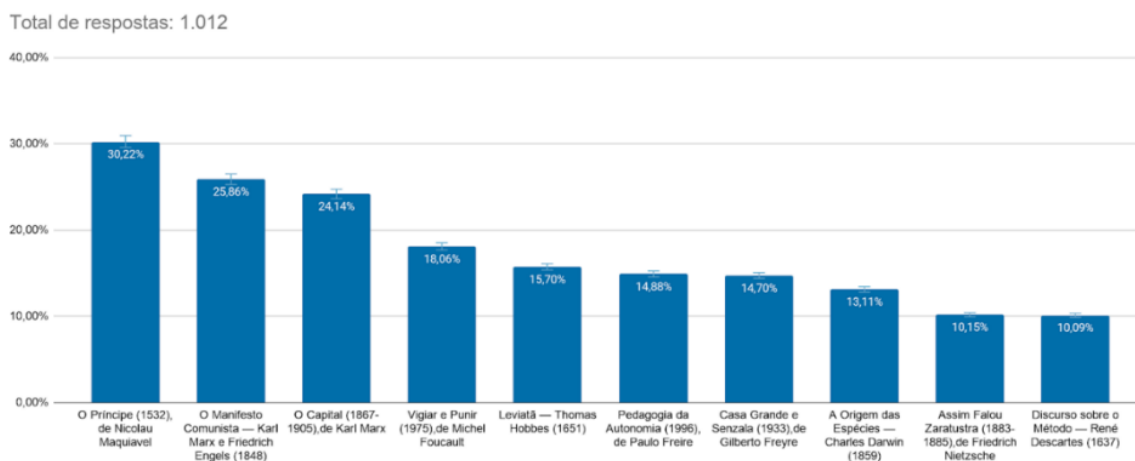


Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Nossa pesquisa elencou, também em lista fechada e sem perguntar quando e como se deu essa leitura, títulos clássicos de ensaios das Humanidades e das Ciências Exatas e Biológicas. O mais votado foi *O príncipe*, de Maquiavel (30,22%). Esse ensaio político datado do século XVI vem à frente de duas outras obras: *O manifesto comunista*, de Karl Marx e Friedrich Engels (25,86%), e *O capital*, de Karl Marx (24,24%), ambos do século XIX. A preferência por esses títulos, embora possa estar atrelada às graduações em Humanas (que respondem pelo maior contingente de entrevistados/as), indica a busca de uma cultura política entre os/as estudantes. O texto de Michel Foucault, *Vigiar e punir*, publicado em 1975, é o mais recente dessa lista, com 18,06% de leitores/as. O primeiro título da literatura ensaística brasileira a figurar entre os assinalados é *Pedagogia da autonomia*, de Paulo Freire (14,88%),

seguido de perto por *Casa grande e senzala*, de Gilberto Freyre (14,82%), este último denotando interesse particular pela cultura especificamente brasileira (gráfico 16).

### Gráfico 16. Os dez livros de ensaio ou ciência mais assinalados (lista fechada)



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo

## 4 Considerações finais

Mais que conclusões, ficam algumas indagações, que a objetividade dos números, pelo menos nesta pesquisa, não consegue responder, aguardando investigação mais detalhada. Boa parte das obras elencadas nas duas listas fechadas demanda concentração, contemplação, paciência, recolhimento, talvez um isolamento típico da leitura ou de certa leitura (Petit, 2013, p. 147) que as habitações descritas parecem desfavorecer. Qual será, pois, a qualidade dessa leitura, ainda mais levando-se em conta a onipresença dispersiva das telas digitais como seu principal suporte? É certo que, quando se trata de leitura recreativa, a preferência é pelo livro impresso. Em que lugar da casa ele é guardado?

Se é emprestado, parece que a biblioteca não é necessariamente seu principal repositório, a julgar pela baixa assiduidade a ela. O que coloca uma questão urgente: repensar a biblioteca – particularmente a universitária – não mais como bem-organizado armazém de livros, mas como espaço onde se constituam novas formas de sociabilidade e de estímulo intelectual, excedendo os limites da sala de aula – esta também,

ao nosso ver, em crise. Conteúdos novos exigem formas novas, de modo que não faz mais sentido submeter o alunado do século XXI a estruturas institucionais e pedagógicas que talvez não lhes façam mais sentido. Por isso julgamos ser da maior importância aprofundar o conhecimento da subjetividade desse corpo discente, que é corpo – isto é, subjetividade indissociável de sua materialidade corporal, hoje sob contínuo esvaziamento pelas experiências virtuais que, no presente caso, parece bastante hegemônicas pela indústria cultural (como atesta a lista de leitura recreativa e adesão massiva às redes sociais). Afinal, retomando Hans Ulrich Gumbrecht,

Não temos como não “ter” um corpo que usamos ocasionalmente e cujos efeitos com frequência apagamos – mas estamos rapidamente perdendo a capacidade de “ser” um corpo, ou seja, a capacidade de deixar o corpo ser uma condição ampliadora da nossa existência. (Gumbrecht, 2015, P. 127)

Isso nos leva a pensar também na relação estudantil com o próprio corpo. Ainda que certamente acima da média da população brasileira, vimos que a maioria dos estudantados “uffianos” não coleciona algo e nem desenvolve trabalho criativo com as mãos, como produzir alguma arte ou artesanato ou tocar um instrumento musical – embora a maior parte cozinhe, nem que seja de vez em quando. Ao mesmo tempo, é de se perguntar o que a universidade faz para congrega criativamente esse contingente de colecionadores/as, artistas, artesãos/ãs, cozinheiros/as e musicistas amadores/as. O sedentarismo, por outro lado, grassa entre quase 58% dos/as estudantes da UFF, enquanto os/as esportistas ou praticantes de alguma atividade física regular preferem modalidades solitárias – ou não necessariamente coletivas. Isso seria a expressão de um individualismo exacerbado? Se sim, que consequências ou que relações ele tem com pessoas que, em sua imensa maioria, compartilham a mesma morada com outras? E para a coletividade universitária, o que tal fenômeno pode significar?

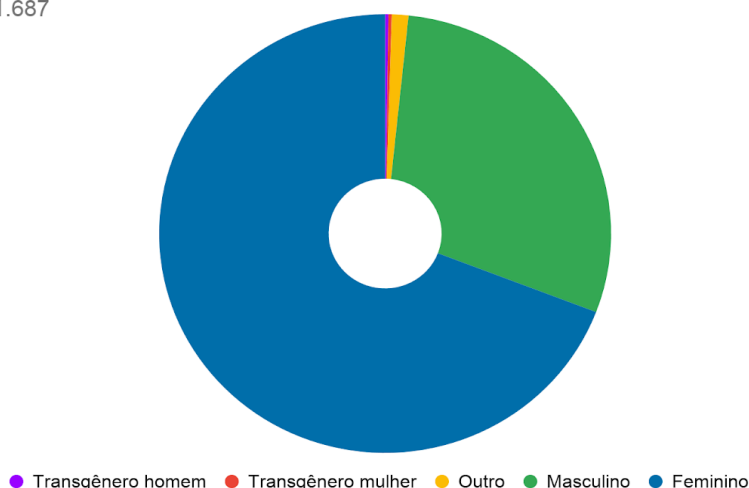
Por fim, mas não menos importante, é preciso considerar dois traços socioeconômicos que nos parecem decisivos para compreender o estudantado ao menos da Universidade Federal Fluminense, em sua atual configuração: ele é hegemonicamente feminino e de baixa renda. A

soma dos/as que não se identificam como homens cisgêneros (1,6% de transgêneros homens, transgêneros mulheres e “outro”) eleva esse contingente a 70,8% dos/as respondentes. O gênero masculino, pois, perfaz a minoria dos/as estudantes dessa universidade, com seus 29,2% (gráfico 17).

### Gráfico 17. Gênero autodeclarado do/a entrevistado/a

Total de respostas: 1.687

0.41 % não responderam.



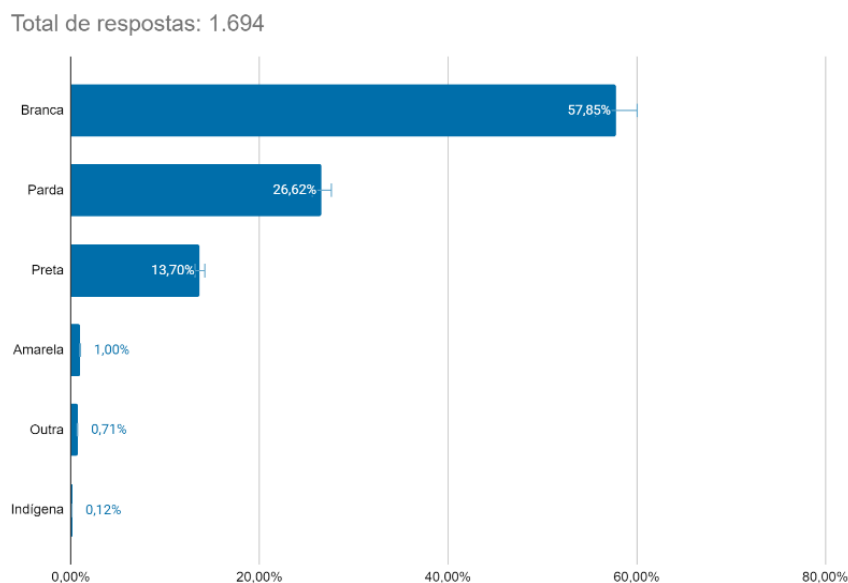
Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Isso tem consequências de toda ordem. Como a instituição lida com elas? A configuração espacial e a ocupação funcional dos cômodos das residências, assim como a modalidade de seu compartilhamento, por outro lado, indicam uma origem social que está longe da classe média tradicional, cliente preferencial das universidades públicas brasileiras até poucas décadas. Isso também demanda um ajuste pedagógico-institucional da universidade, aparentemente ausente, a julgar pelo contingente de 43% de alunos/as que não estudam espontânea e regularmente em grupo e os quase 44% que dedicam menos de duas horas diárias aos estudos extraclasse.

Dados agravados pelo gráfico 18 que, por razões de espaço, não expusemos: 71,3% dos/as estudantes entrevistados/as não procuram seus/suas professores/as para aprofundar o que foi discutido ou exposto na sala de aula. Indício de distanciamento hierárquico? Pouca ou nenhuma disponibilidade de tempo, tanto da parte do/a aluno/a quanto

do/a professor/a? Dificuldade de comunicação? Incluímos, entretanto, o gráfico 18, sobre raça/cor, não menos eloquente quanto à perda da hegemonia da classe média branca tradicional no corpo discente universitário: se é certo que os/as brancos/as ainda preponderam, com 57,85%, os/as autodeclarados/as pardos/as e pretos/as somam 40,32% dos/as estudantes da UFF.

**Gráfico 18. Cor/raça autodeclarada**



Fonte: Pesquisa dos autores. Gráfico elaborado por Luiz Cláudio Barros Raposo.

Num país com a história que tem, sendo o maior país negro fora da África e promotor de um genocídio indígena ainda em curso, esses números mais uma vez convocam a universidade a pensar sobre essa rápida mudança no perfil de seu estudantado. Que universidade pública oferecer a um alunado majoritariamente feminino, de baixa renda, crescentemente negro, que em sua maioria mora longe e com os pais? Talvez o sentido da instituição dependa da resposta que se dê a essas e a outras questões que a presente pesquisa eventualmente venha a suscitar.



## Referências

- COULON, Alain. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, dec. 2017. ISSN 1678-4634. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/141109/136196>. Acesso em: 18 set. 2022.
- CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo, Cosac Naify, 2014.
- DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Trad. Mariana Echalar. São Paulo, Boitempo, 2016.
- DEMO, Pedro. **Outra universidade**. Jundiaí, Paco Editorial, 2011.
- FURTADO, Joaci Pereira; MARENDINO, Rosane Barbosa. A escolha de Sofia: motivações dos/as estudantes da Universidade Federal Fluminense na eleição da universidade e da graduação. **Revista Aleph**, Niterói, n. 37, 2021b. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/51048>. Acesso em: 19 set. 2022.
- FURTADO, Joaci Pereira & MARENDINO, Rosane Barbosa. Coração de estudante: esperança e realidade na perspectiva do alunado da Universidade Federal Fluminense. **Revista Pedagogia Social**, Niterói, v. 11, n. 1, aug. 2021a. ISSN 2527-0974. Disponível em: <<http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/293>>. Acesso em: 19 set. 2022.
- FURTADO, Joaci Pereira; GONÇALVES, Kelly Cristina Mota & MONTEIRO, Erick da Silva. A morte do leitor? Práticas de leitura entre estudantes da Universidade Federal Fluminense. **Anais do VII Seminário FESPSP**. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política, 2018. Disponível em [https://fespsp.org.br/seminarios/anaisVII/GT\\_6/Joaci\\_Pereira\\_Erick\\_Silva\\_Kelly\\_Mota.pdf](https://fespsp.org.br/seminarios/anaisVII/GT_6/Joaci_Pereira_Erick_Silva_Kelly_Mota.pdf). Acesso em: 19 set. 2022.
- FURTADO, Joaci Pereira; GONÇALVES, Kelly Cristina Mota; MONTEIRO, Erick da Silva. A leitura no intervalo: práticas culturais e leitura entre estudantes de Arquivologia e Biblioteconomia da Universidade Federal Fluminense. **Anais do VIII Seminário FESPSP**. São Paulo, Fundação Escola de Sociologia e Política, 2019. Disponível em [https://www.fespsp.org.br/seminarios/anaisVIII/GT\\_6/JoaciFurtado.pdf](https://www.fespsp.org.br/seminarios/anaisVIII/GT_6/JoaciFurtado.pdf). Acesso em: 19 set. 2022.
- FURTADO, Juarez Pereira et al. **Inserção social e habitação de pessoas com sofrimento mental grave**. São Paulo, Editora FAP-Unifesp, 2014.
- GARRIDO, Edleusa Nery & MERCURI, Elizabeth Nogueira Gomes da Silva. A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 17, n. 1, jan./jun. 2013, p. 87-95. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pee/a/MfV598kP939NXstKtDxHnBc/#>. Acesso em: 7 jan. 2023.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Nosso amplo presente**: o tempo e a cultura contemporânea. Trad. Ana Isabel Soares. São Paulo, Editora Unesp, 2015.

IGREJA, Paula; FURTADO, Joaci Pereira. Que anda nas cabeças, anda nas bocas. **Convergência em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, n. 1, p. 42-70, 2020. Acesso em: 19 set. 2022.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo, Editora 34, 2013.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; Dunker, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

## Sobre os autores

**Joaci Pereira Furtado**  

Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Mestre e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Foi professor do Departamento de Ciência da Informação do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense (UFF), entre 2013 e 2022.

Email: [joacifurtado@gmail.com](mailto:joacifurtado@gmail.com)

**Augustin de Tugny**  

Graduado em Arquitetura de Interiores pela École Camondo (França). Mestre em Arquitetura e doutor em Arte pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor do Centro de Formação em Artes e Comunicação (CFAC) da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Email: [atugny.ufsb@gmail.com](mailto:atugny.ufsb@gmail.com)

## Histórico

Recebido em: 30/11/2022. Aceito em: 31/01/2022. Publicado em: 01/10/2023.